



RELICI

CINEMA E FUTEBOL: DUPLO ENTRETENIMENTO¹

CINEMA AND FOOTBALL: DOUBLE ENTERTAINMENT

Roberto Minadeo²

RESUMO

O cinema é uma das principais fontes de entretenimento de faixas crescentes da população global. A pandemia fez o streaming crescer de forma intensa, consolidando essa nova forma de distribuição de conteúdo cinematográfico – tema a merecer breve tratamento no estudo. O futebol é dos esportes mais populares do planeta, representando um ideal de vida para tantas crianças e adolescentes, em escolas mundo afora – além de ser dos mais fortes meios de ascensão social existentes. Ademais, diversos países fizeram uso político desse esporte. O artigo utiliza exclusivamente fontes acadêmicas: Teses; Dissertações, TCC's, artigos de revistas e de congressos e livros focados no cinema. Após uma breve conceituação de entretenimento, mostram-se análises de obras fílmicas construídas em torno ao futebol em geral e em torno a ídolos desse esporte. Novos artigos podem focar temas específicos, tais como obras sobre os grandes craques, ou ainda o futebol feminino.

Palavras-Chave: entretenimento, cinema, futebol, Pelé, Garrincha.

ABSTRACT

Cinema is one of the main sources of entertainment for growing segments of the global population. The pandemic caused streaming to grow intensely, consolidating this new form of cinematic content distribution – a topic that deserves brief treatment in this study. Football (soccer) is one of the most popular sports on the planet, representing an ideal of life for so many children and teenagers in schools around the world – in addition to being one of the strongest means of social mobility. Furthermore, several countries have made political use of this sport. The article exclusively uses academic sources: Theses; Dissertations, an undergraduate thesis, journal and conference articles, and books focused on the topic. After a brief conceptualization of entertainment, analyses of films built around football in general and around idols of this sport are presented. New articles could focus on specific topics, such as works about the great stars, or even women's football.

¹ Recebido em 28/05/2025. Aprovado em 31/07/2025. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.17661017

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. minadeo@gmail.com



RELICI

Keywords: entertainment, cinema, football, Pelé, Garrincha.

INTRODUÇÃO

O cinema chegou aqui apenas seis meses após sua invenção em 1895 pelos irmãos Lumière; nos anos 1930 já era profissional, sendo uma diversão de massa, com grupos como a Cinédia, de Adhemar Gonzaga. O futebol veio ao Brasil por Charles Miller, paulistano de família inglesa, e foi no início um esporte da elite branca. Aos poucos se disseminou às camadas populares, com apoio de Arthur Friedenreich, filho de pai alemão e de mãe negra. Na vitória sobre o Uruguai em 1919, na final do sul-americano de seleções, Arthur marcou o gol da vitória, levando o Brasil a um feito jamais conquistado. Mas, o racismo prosseguiu: em 1920, quando da visita de um rei belga ao Brasil, nossa seleção teve apenas elementos brancos (Oricchio, 2006).

Dentre inúmeros filmes nacionais que tratam do futebol, há uma surpresa: “Orfeu Negro” (1959) que ganhou a Palma de Ouro em Cannes, o Oscar de Filme Estrangeiro e o Globo de Ouro de melhor filme estrangeiro. Foi sucesso na Europa, nas Américas e no Japão – sendo coprodução entre a França (majoritária, a quem coube o Oscar) e o Brasil. Na França, o público foi de quatro milhões. A obra, baseada em peça de Vinícius de Moraes, agradou por três razões: a) imagens coloridas do Rio de Janeiro; b) elenco todo negro, com destaques ao jogador Breno Mello e à norte-americana Marpessa Dawn; e c) a trilha sonora de Tom Jobim e Vinicius de Moraes; o filme foi o ponto de partida da moda internacional da bossa nova no início dos anos 1960 (Fléchet, 2009).

Outra surpresa: Paulo Machline, primeiro brasileiro indicado ao Oscar de Melhor Curta-Metragem, em 2001. “Uma História de Futebol” (1999) foi seu primeiro filme, e chamou a atenção da Academia por ter vencido os festivais de New York e Bombaim. Paulo assumira o Grupo Sharp após o falecimento do pai e era novato no cinema. Financiou todo o projeto, de R\$ 280 mil. A trama narra a partida final de um pequeno time de futebol que revelou nada menos do que o rei do futebol: Pelé. O fato



RELICI

de o Rei ter encerrado sua carreira nos EUA deve ter facilitado o sucesso da obra (Oricchio, 2006; Haurelhuk, 2008; Acker, 2010).

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

O estudo se justifica em função da relevância tanto do cinema quanto do futebol enquanto elementos do entretenimento global. Afirma Murad (2010): conforme levantamento do IBGE (Pnad, 1996 e 2000), futebol e cinema, nesta ordem, são as maiores preferências de diversão fora de casa, nos nossos centros urbanos e suburbanos, grandes e médios, onde estão mais de 75% dos brasileiros. “Brasil é o país do futebol” e “cinema é a maior diversão” são expressões emblemáticas da importância dessas duas instituições de nossa cultura. O futebol e o cinema são ricos espetáculos internacionais. Suas estrelas constroem mitos nas mais diversificadas sociedades. Mais de cem anos depois de seu surgimento, o Brasil e vários outros países construíram um consistente cinema, um conceituado futebol, ambos acumulando conquistas internacionais e contribuindo ao desenvolvimento das respectivas linguagens estéticas e desportivas.

O objetivo foi tratar de obras fílmicas nas quais o futebol se faz presente, mediante textos acadêmicos: Teses, Dissertações, TCC's, artigos de Congressos e de Revistas e livros focados no tema. Desta forma, o que se pretende é brindar ao leitor estudos sobre Cinema e Futebol, que já passaram pelo crivo da Academia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As fontes foram buscadas ao longo de meses no Google Acadêmico e no Portal da Capes. Os livros foram obtidos, após a percepção de sua qualidade e de que seriam úteis ao trabalho.

Apenas fontes que tratam detalhadamente ao menos de um filme foram aproveitadas, o que exigiu considerável trabalho de garimpagem. Assim, estudos que trataram de inúmeras obras fílmicas, ou que fizeram comparações entre obras, ou finalmente que analisaram filmes à luz de teorias psicológicas, sociológicas ou de



RELICI

qualquer outra natureza não puderam ser aproveitados. Isso representou um verdadeiro trabalho de garimpagem, dado que uma proporção relativamente baixa dos artigos obtidos preencheu os requisitos necessários para fornecerem elementos à pesquisa.

Filmes sobre futebol tratados por mais de uma fonte foram considerados mais robustos em sua apresentação. Abordaram-se filmes sobre Pelé e Garrincha, em função de sua importância no futebol brasileiro. Ademais, documentários nacionais foram abordados, sempre ao existirem as condições mínimas de apresentação de seu conteúdo. Diversas outras obras – tanto daqui quanto de outros países – também foram abordadas.

ENTRETENIMENTO – BREVE CONCEITUAÇÃO

O economista Veblen criou a teoria da classe ociosa em 1899, influenciando inúmeros cientistas sociais no tocante ao comportamento do consumidor. Veblen argumentou que as elites ricas tendem a se engajar em atividades de lazer e entretenimento como uma forma de demonstrar seu status social e distinção. No conceito de classe ociosa, ele afirma que se encontram pessoas engajadas em atividades de governo, guerra, religião e esportes (Bellia, 2000).

É parte da vida humana ler, assistir a um filme, jogar, seguir sites da internet. Tudo isso é sustentado pela indústria do entretenimento – cuja riqueza de opções contribui para defini-la como multidisciplinar. O entretenimento pode ser visto como uma experiência ou como um fenômeno cultural (Cavalcanti *et al.*, 2021).

Estes autores fizeram amplo estudo de conceitos apresentados em diversos estudos, sintetizando os seguintes conceitos de entretenimento: a) é um produto, um artefato alinhado a razões comerciais; faz parte de uma lógica empresarial, tendo a visão do produto como aspecto principal, mas também relacionada a elementos de experiência e cultura em posições complementares; b) uma experiência plural, orientada a estados e efeitos psicológicos e à partilha de significado e consumo; c) cultura que desempenha três funções: processos simbólicos, estéticos e de cunho



RELICI

social; e d) mídia, e atua dentro da lógica midiática, que envolve noções como público-alvo, mensagem e significados; mas, resulta em um efeito entendido como prazer.

A diversão tem crescente papel de agente de mudança social. O entretenimento é vital, tanto como lógica à publicidade quanto como serviço que rompe com o cotidiano. A comunicação e a cultura de massa ampliaram o acesso aos bens culturais, antes restritos às elites, a outros estratos sociais. O entretenimento é uma linguagem aceita e necessária. Na educação, o entretenimento é cada vez mais presente para tornar mais divertido o processo ensino-aprendizagem, seja mediante novas tecnologias ou por criar espaços de ensino (MARIN, 2009).

A indústria cultural se estabelece de modo difuso. Olhar para a “cultura de massas” como apropriação superficial de bens culturais ou simples válvulas de escape impede entender as relações existentes entre o sujeito e o produto cultural. A mediação da internet inaugura um novo paradigma na dialética entre consumo e produto, onde o usuário passa a escolher como, quando e o que consumir; o sujeito se torna consumidor e ao mesmo tempo produtor de cultura, afinal o sucesso de plataformas como o YouTube se deu a partir desta perspectiva. Serviços de *streaming*, como Netflix e Spotify, traçam um perfil do usuário buscando adequar os conteúdos ao histórico que é mais compatível à personalidade de cada qual (Pessoa, 2019).

A criação de espaços virtuais, além de novas definições de interatividade, apresenta uma nova posição a respeito da cultura, incluindo a literatura. Um exemplo é o fenômeno da publicação de livros destinados ao consumo em grande escala, como as sagas literárias, estimulado pela globalização dos mercados e padrões culturais. Esse processo é devedor e credor do capitalismo na literatura, ao se destacar o mercado editorial e a indústria do entretenimento. A disseminação de um bem cultural mediante diversas mídias faz com que esse produto cultural cativa o público. Ao transpor as barreiras das diferentes mídias, os produtos focados ao consumo global se apresentam como um processo cultural de amplo alcance (Prevedello; 2021).



RELICI

AUMENTO DO CONSUMO DE STREAMING DURANTE A PANDEMIA

A partir do início de 2020 o mundo vivenciou uma pandemia causada pelo corona vírus, sendo necessário o isolamento social das pessoas, situação que pode gerar impactos negativos na saúde mental das pessoas (Lima; Almeida, 2023).

Segundo The Guardian, a Netflix somava 453,5 milhões de usuários no mundo em 2020. Cerca de 10% desse total veio durante a pandemia. O autor fez um estudo, por meio de um questionário, disponível online por um mês, obtendo 143 respostas. Resultados: a) 63,1% afirmaram fazer maior uso de plataformas de streaming na pandemia; b) 22,3% afirmaram usar serviços de streaming até duas horas/dia e 34,5% afirmaram usar entre 2 e 4 horas/dia; c) 67,9% afirmaram assistirem às plataformas em quaisquer horas do dia (Makalesi, 2022).

APRESENTAÇÕES A RESPEITO DE FILMES NACIONAIS

Filmes sobre Pelé

Pelé é alvo de inúmeros filmes (Melo, 2006a; Melo, 2006b; Oricchio, 2006; Messias, 2010; Murad, 2010):

A) “O rei Pelé” (1963, Carlos Hugo Christensen).

B) “Isto é Pelé” (1974, documentário de Luiz Carlos Barreto com produção de Carlos Niemeyer, texto de Paulo Mendes Campos) mostra mais de cem gols e as conquistas das três Copas do Mundo (1958, 1962 e 1970), além de jogos no Santos, onde atuou por 18 anos.

C) “Pelé contra os trombadinhas” (1979, Anselmo Duarte) teve argumento do próprio jogador e foi um fracasso: Pelé aparecia ao lado de crianças carentes, com cenas de perseguição em favelas.

D) “Fuga para a vitória” é produção dos EUA (1981, dir. John Huston), com Sylvester Stallone e Michael Caine, além dos jogadores Pelé e Bobby Moore. Destaca-se a força dramática do enredo e a discussão da presença social do futebol. O enredo traz um jogo na Segunda Guerra, entre o selecionado alemão e uma equipe



RELICI

de prisioneiros. O que era a princípio uma atividade local (uma brincadeira proposta pelo major Karl Von Steiner) se transforma em uma disputa simbólica. Os alemães desejam vencer a todo custo para provar a supremacia nazista; os presos querem aproveitar a situação para fugir. Inspirado em episódio real, o roteiro aborda: o uso político do futebol; o esporte como propaganda; a imprevisibilidade do jogo; as falcaturas do campo esportivo; os privilégios dos atletas; as desigualdades que podem interferir nos resultados; o papel crucial da torcida; a questão da honra, do companheirismo, da superação; os limites da liberdade.

E) O curta-metragem “Uma história de futebol”, de Paulo Machline, traz Pelé como protagonista e disputou o Oscar da categoria.

F) Em “História do Brasil” (1975, Glauber Rocha), há um diálogo entre Villalobos e Pelé.

G) “Pedro Mico” (1985, Ipojuca Pontes) é baseado na peça teatral de Antonio Callado, ambientada nos morros do Rio de Janeiro, sendo a melhor performance de Pelé como ator.

H) Em “Hot shot” (1987), Pelé é um jogador que atua no ensino do futebol.

I) “Os Trapalhões e o rei do futebol” (1986, Carlos Manga) traz os amigos Cardeal, Elvis, Fumê e Tremoço, faxineiros e roupeiro, no Independência Futebol Clube; com a disputa de poder entre cartolas, o técnico é demitido e Cardeal (Renato Aragão) treina a equipe; em função de várias vitórias, os cartolas não gostam da situação. Pelé vive um repórter esportivo, que supera a desonestidade dos cartolas, com a ajuda de Luiza Brunet. Conquistou 3,65 milhões de assistentes.

J) “Pelé eterno” é um documentário (2004, Aníbal Massaini).

Filmes sobre Garrincha

“Garrincha, Alegria do Povo”, (1962, Joaquim Pedro de Andrade) é um estudo do futebol no Brasil, com o craque como personalidade nacional. Sem ser uma biografia, o filme é um documento sobre a paixão do povo pelo futebol. Garrincha é um símbolo dessa paixão e um representante desse povo. Imagens de jogos são



RELICI

aceleradas em certos momentos e retardadas em outros. Primeiro, é contada a história da Copa de 62, a Copa de Garrincha. Há uma volta a 1958, a primeira Copa do Brasil. O filme foca a tristeza de 1950 [na qual Garrincha não jogou; estreou na Seleção em 1955]. Dadas as limitações técnicas de som, há narrações de locutores, enquanto se mostram as cenas. O espectador deve se contentar com o grito dublado de gol, caso do gol uruguaio na final de 1950, sem som, seguida de batidas cardíacas. A música é solução para o silêncio, tanto a popular, como a marchinha, linguagem do povo, quanto a erudita. O nome do filme, se refere a “Jesus, alegria dos homens”, de Bach, cuja música é usada em passagens como a reflexão sobre os motivos da paixão popular pelo futebol, com imagens das arquibancadas ao som de um concerto. Uma cena que cria a relação Garrincha/povo é a descrição da cidade do jogador, Pau Grande: Garrincha é homem comum: tem família, vai ao bar, joga com amigos. Ademais, o filme procurou retratar o brasileiro a partir do futebol, um de seus traços culturais vitais (França, 2010; Micheletti, 2012).

Essa obra teve direção e roteiro de Joaquim Pedro de Andrade; produção de Luiz Carlos Barreto e de Armando Nogueira, que também ajudou no roteiro. A fotografia foi de Mário Carneiro e a narração de Heron Domingues. O filme traz a trajetória do jogador, sua capacidade de encantar os fãs com sua personalidade, suas pernas tortas, seus dribles e seu talento para surpreender os adversários. Há depoimentos, cinejornais e cenas no Maracanã, situando o lado social do futebol no Brasil. Garrincha retrata o povo brasileiro, aquele que a princípio não tem nada para dar certo, mas que triunfa, de modo parcial. Segundo o cineasta, se o futebol é fator de festa, pode também ser de alienação e de manipulação. O filme foi fonte de muitas polêmicas (Melo, 2006b).

“Garrincha, a estrela solitária” (2003, dir. Milton de Alencar Jr.) mostra como o jogador entrou no futebol graças a Nilton Santos. Foi o craque das pernas tortas, manchete dos jornais, ídolo da nação, a alegria do povo. Foi a uma clínica de reabilitação, sob as lágrimas do amigo Nilton Santos – a quem não mais reconhecia. Em 1983, perdeu o jogo da vida. É o filme que melhor retrata sua personalidade, com



RELICI

depoimentos de pessoas importantes na sua vida. Garrincha está no documentário “Nós que aqui estamos por vós esperamos” (1998, Marcelo Masagão); entre imagens marcantes do século XX: há dois “dançarinos”, um “pas-de-deux” entre o bailado de Fred Astaire e os dribles de Garrincha (Melo, 2006b; Messias, 2010; Machado *et al.*, 2014).

Outros filmes sobre futebol no Brasil

“Campeão de Futebol” (1931, Genésio Arruda) homenageia os jogadores da época, sendo o primeiro filme nacional de ficção onde o esporte foi o assunto central da trama. Atuaram atletas famosos, como Feitiço e Arthur Friendreich. “Alma e Corpo de uma Raça” (1938, dir. Milton Rodrigues, produção de Adhemar Gonzaga/Cinédia) usou o campo do Flamengo; atuaram atores profissionais e jogadores (Leônidas da Silva); traz dois atletas em disputa do amor de uma mulher. Em “Futebol em Família” (1938, dir. Ruy Costa) há atores (Grande Otelo e Dircinha Batista) e jogadores do Fluminense; fala dos problemas de um jovem com os pais, ao querer ser jogador de futebol. “Gol da Vitória” (1946, José Carlos Burle, um dos fundadores da Atlântida) tem Grande Otelo como o craque Laurindo, inspirado em Leônidas da Silva (Melo, 2006a).

O futebol esteve em enredos de ficção, como “Pra frente Brasil” (1982) e “Heleno” (2012, vivido por Rodrigo Santoro). Filho de empresário, Heleno era advogado; contraiu sífilis e teve problemas mentais. O filme fala da tragédia do craque, sua genialidade em campo, seus conflitos, a vida boêmia e a morte em um hospital psiquiátrico. Atuou no Botafogo de 1937 a 1948 com 209 gols em 235 jogos. O filme traz sua vida pessoal, com o futebol em segundo plano. O drama de Heleno surge ao início, no manicômio: o jogador vê recortes de jornal com seus feitos. Heleno não se tratou da doença para continuar a jogar. Suas brigas o impediram de ir à Copa de 1950 (Santos, 2012; Machado *et al.*, 2014).

A recém-criada Loteria Esportiva, cujo ganhador precisava acertar o resultado de treze jogos, foi tratada em três filmes de 1971: “Como Ganhar na Loteria sem



RELICI

Perder a Esportiva” (J. B. Tanko), “O Bolão” (Wilson Silva) e “Tô na Tua, Bicho” (Raul Araújo). São comédias de costumes, com a esperança de sair da miséria. O uso político do futebol se ilustra pela criação de estádios nos anos da ditadura; de um campeonato nacional que chegou ao recorde de 94 clubes em 1979; e da presença do Alm. Heleno Nunes na presidência da CBD (Oricchio, 2006).

“A Pensão de Dona Estela” (1956, dir. Alfredo Palácios e Ferenc Fekete) traz um grupo de moradores de uma pensão prestes a ser fechada, dentre os quais há um jogador de futebol profissional. Os hóspedes tentam manter a pensão ativa. “O Preço da Vitória” (1959, dir. Oswaldo Sampaio), foca o sonho de um garoto que supera vários percalços para ser jogador profissional. “Rio 40 Graus” (1955, roteiro e direção de Nélson Pereira dos Santos) fala das classes menos favorecidas do Rio de Janeiro com alegria, em contraste com uma elite alienada, entre outras coisas, pelo futebol. Mostra o esporte como parte da sociedade e da cultura brasileiras. O filme é inspirador do Cinema Novo. A obra mostra as contradições nacionais, com drama e comédia: a namorada grávida de um policial, um casal às vésperas de se casar, malandros, um torcedor fanático e um jogador que “amarela” no jogo decisivo (França, 2010; Delgado, 2024).

“Asa Branca, um sonho brasileiro” (1981, Djalma Limongi Batista), traz Edson Celulari como jogador do interior que sai da pobreza, ingressa no mundo dos ricos, entre cartolas e mulheres. “Pra frente Brasil” (Roberto Farias, 1983) mescla futebol e política, com Antônio Fagundes, Cláudio Marzo e Elizabeth Savalla. Entra em ação um personagem apolítico, vivido por Reginaldo Farias, que é preso pela ditadura, com o pano de fundo da Copa de 1970. A obra foi lançada após as eleições de 1982, e teve 1,5 milhão de assistentes (Oricchio, 2006; França, 2010; Messias, 2010).

“A Falecida” (1965, Leon Hirszman) traz uma mulher (Fernanda Montenegro), que sonha com um enterro caro, mas o viúvo queima os recursos em um jogo do Vasco; o filme traz o futebol como uma paixão infantil dos trabalhadores, que tira a atenção dos problemas reais. Mas, mostra que, para o torcedor, alienados são os outros (Oricchio, 2006).



RELICI

“O Homem que roubou a copa do mundo” (1963, dir. Victor Lima) traz Ronald Golias, Otelo Zeloni e Renata Fronzi, componentes do popular programa de humor “Família Trapo”. O filme, ironicamente, acerta, pois, após o Brasil ganhar a Copa Jules Rimet em 1970, há o seu roubo (Oricchio, 2006).

“O Corintiano” (1966) traz Mazzaropi junto à torcedora-símbolo do time em cenas de arquibancada. A trama traz um barbeiro fanático pelo time, que briga com os vizinhos palmeirenses e seus filhos; um rapaz que quer ser médico, mas que aos olhos do torcedor desperdiça o talento, pois poderia ser um centroavante. O filme é voltado ao grande público. Dada a disparidade social do país, o futebol unifica e cria uma linguagem comum a todos. Outro filme sobre o Corinthians é “Onda Nova” (1983, dir. José Antônio Garcia) que foca a “Democracia Corintiana”, pela qual os jogadores exprimiam suas opiniões políticas, aboliram a concentração e decidiam contratações, demissões e a escalação da equipe. A emenda pelas Diretas não foi aprovada, os militares pressionam; o jogador Sócrates foi à Itália e, sem sua liderança, a Democracia morreu (Oricchio, 2006).

“Perigo Negro” (1992, dir. Rogério Sganzerla com roteiro de Oswald de Andrade) traz um jogador do Flamengo, cujo apelido intitula o filme, e que vai da glória ao ocaso ao ser vítima de uma contusão, passando a cuidar do gramado do clube. Antonio Abujamra vive o cartola corrupto (Oricchio, 2006). “Boleiros – Era uma vez o futebol” (1998, Ugo Giorgetti) traz um juiz corrupto que aceita suborno para aquecer resultado; o craque do passado que vende taças para pagar dívidas; o jogador famoso que sofre de preconceito racial; o atleta com lesão pressionado pela torcida; o garoto que joga bem, mas que cai no crime e o craque malandro que se encontra com uma mulher na concentração. Os principais atores são: Adriano Stuart, Flávio Migliaccio e Rogério Cardoso. “Boleiros 2 – Vencedores e Vencidos” (2006, Ugo Giorgetti) traz quase o mesmo grupo; o bar foi reformado com o patrocínio do craque Marquinhos, pentacampeão da Seleção Brasileira. O ambiente é habitado por jornalistas, empresários e moças à busca de contato com o ídolo. A narrativa do filme traz a vida no local quando Marquinhos visita o bar. O tumulto incomoda os ex-jogadores



RELICI

reunidos no andar superior. Os ex-atletas não são os narradores da obra, mas o jornalista Zé Américo. Há uma comparação entre o antigo e o novo futebol brasileiro (Acker; Rossini, 2012).

Em “Boleiros”, há histórias de jogadores de futebol aposentados que relembram seus tempos de fama. Todos se juntam num bar e o único assunto é futebol. O clima é de nostalgia. Paulinho Majestade, de Boleiros, ao estar sem dinheiro, tenta vender seus troféus. Um repórter se interessa, e se dispõe a pagar o dinheiro pedido para a entrevista. O dinheiro, de forma surpreendente, é usado como uma máquina do tempo, levando o jogador à época de glória, bons restaurantes, boa bebida, reconhecimento (Oliveira, 2015).

Comédias: a) “Rádio Gogó” (1999, Araripe Jr.); b) “O Mundo Segundo Silvio Luiz” (2000, André Francioli); c) “A Taça do Mundo é Nossa” (2003, Lula Buarque de Holanda); e d) “O Casamento de Romeu e Julieta” (2005, Bruno Barreto); traz uma palmeirense que atrai a paixão de um corintiano, que se passa por palmeirense, vai a Tóquio com o futuro sogro assistir ao jogo do título mundial (Oricchio, 2006).

“O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias” (2006, dir. Cao Hamburger) traz um casal que foge da perseguição militar. O filme substitui a gasta visão do “futebol, ópio do povo”, reinante em estratos da intelectualidade brasileira, pelo olhar de um garoto de doze anos, que descobre novos mundos, como o bairro do Bom Retiro em São Paulo, cheio de imigrantes, e a si próprio. Há uma cena decisiva quando Mauro joga bola com a turma num campinho, de goleiro, mas se distrai ao ver um fusca azul, como o de seu pai, abandona a posição e corre atrás do carro, permitindo um gol adversário (Oricchio, 2006; Cornelsen, 2012).

“Linha de Passe” (2008, dir. Walter Salles/Daniela Thomas) traz Cleuza, grávida e mãe solteira com quatro filhos pobres na periferia de São Paulo. É doméstica e corintiana. A família sofre com o abandono e vive às voltas com os problemas de inserção profissional dos filhos. Dario deseja ser jogador de futebol; vê em seu décimo oitavo aniversário uma data de tristeza, pois sua chance de ser jogador diminui bastante; quer manter suas esperanças, ao adulterar a data de seu nascimento no



RELICI

documento de identidade. O filme aponta que o talento não basta para a inserção no mundo futebolístico, mesclado com a corrupção de dirigentes (Haurelhuk, 2008; Acker, 2010; França, 2010; Oliveira, 2015).

Documentários futebolísticos brasileiros

Há muitos documentários nacionais (Melo, 2006a; Oricchio, 2006; França, 2010; Messias, 2010; Murad, 2010; Sant'Ana, 2017; Rigo; Guidotti, 2019):

A) “A Copa do Mundo de 1950” (1950, dir. Milton Rodrigues e produção do seu irmão Mário Filho, importante jornalista esportivo) busca os motivos que levaram o Brasil a ser derrotado pelo Uruguai. Foi o primeiro documentário cujo tema é o esporte.

B) “Subterrâneos do Futebol” (1965, Maurice Capovilla) faz parte de um projeto do produtor Thomas Farkas de mostrar faces desconhecidas ao Brasil: cangaço, samba e futebol. No treino do Palmeiras, há uma entrevista com Luiz Carlos de Freitas, o Feijão, que viveu Pelé adolescente no filme “O Rei Pelé” (1963, dir. Carlos Hugo Christensen, argumento e diálogos de Nelson Rodrigues). O documentário trata do medo da contusão pelo jogador, do antagonismo entre jogadores e cartolas, pois, enquanto os primeiros sofrem ao jogar, os últimos vivem comodamente. Ademais, há as longas viagens, que afastam o jogador da família. Nas cenas finais, vem o torcedor, comemorando de forma insana o título do clube.

C) Em 1978, Farkas também dirige “TodoMundo (Futebol + Torcida = Espetáculo Total)” que traz como a torcida se deixa levar pela emoção. Mostra imagens de várias torcidas organizadas com cenas de violência entre elas e a facilidade em se comportarem como hordas.

D) “Brasil Bom de Bola” (1970, Carlinhos Niemeyer) traz craques antigos – Leônidas, Ademir e Heleno – juizes e malandragens em campo. O foco é a Copa do México, usando material do Canal 100, também dirigido por Niemeyer e com a excelente fotografia de Chico Torturra, que ajudou a difundir o futebol Brasil afora. Niemeyer também dirige “Futebol Total” (1974) no qual procura explicar como o Brasil



RELICI

foi derrotado na Copa desse ano – sendo um surpreendente sucesso de bilheteria, ao mostrar que um mês após a Copa já há um jogo no Maracanã com 115 mil torcedores para assistir à final do campeonato carioca.

E) “Parabéns, Gigantes da Copa (dir. Hugo Schlesinger) também trata da Copa de 1970, sem esquecer as quatro Copas anteriores.

F) “Passe Livre” (1974, dir. de Oswaldo Caldeira e música de Gilberto Gil) traz Afonsinho, citado por Pelé como o único do país a ter seu passe livre, obtido na Justiça, alugando seu trabalho aos clubes, sem estar preso pela Lei do Passe. Após sua vida esportiva, Afonsinho se formou em Medicina.

G) “Flamengo Paixão” (1980, Davi Neves).

H) “Um x Flamengo” (1980, Ricardo Solberg).

I) “Histórias do Flamengo (1999, Alexandre Niemeyer, filho do Carlinhos Niemeyer).

J) “Divino – Vida e Obra de Ademir da Guia” (2006, Penna Filho), com o Palmeiras dos anos 1960, a Academia, único time em São Paulo a rivalizar com o Santos de Pelé. O filme mostra o jogador da infância aos dezesseis anos em que esteve no Palmeiras, tendo atuado em 901 jogos – recorde no clube. O filme traz gols e depoimentos de outros jogadores e de jornalistas.

K) “Futebol 3: jogo de homens/meio de vida/zona do agrião” (1980, em três episódios, P&B, 35 mm, Roberto Moura).

L) João Moreira Salles e Arthur Fontes fazem “Futebol” (1998), que trata dos três momentos cruciais na vida de um jogador: o ingresso no profissionalismo, sua trajetória e o momento da retirada – focado em PC Caju, que disputou duas Copas do Mundo, atuou em grandes clubes do Rio e no Olympique, de Marselha.

M) O filme oficial da Fifa da Copa de 1994, “Todos os Corações do Mundo: a Campanha de 1994” (Murilo Salles) tem inovações tecnológicas: melhor qualidade de áudio e imagem e muitas câmeras na transmissão dos jogos, que permitiu a gravação de detalhes; diversamente dos filmes oficiais seguintes, este fez sucesso no Brasil. A obra tem bom ritmo, alternando cenas de jogo com reação de torcedores,



RELICI

jogadores, técnicos, e juízes, com um bom texto, em off; além disso, captou em que o futebol se converteu na sociedade do espetáculo.

N) “Uma aventura do Zico” (1999, dir. Antonio Carlos Fontoura) veio quando o jogador já não estava mais no auge, e o filme não foi um sucesso.

O) “Zico” (2002, Eliseu Ewald) traz a história do craque, descoberto pelo radialista Celso Garcia, que o apresentou a Modesto Bria, treinador das categorias de base do Flamengo. Além de falar da vida de Zico no Flamengo e na Seleção, o filme fala de sua atuação no Japão, como jogador e treinador.

P) “Tostão, a Fera de Ouro” (1970, dir. Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite, roteiro de Roberto Drummond) trata da vida do jogador, da infância até as eliminatórias da Copa de 1970, quando o Mineirão acabava de ficar pronto. Tostão quase não foi à Copa, por um descolamento de retina. O filme apresenta as agruras da operação, em Houston. Nessas eliminatórias, Tostão foi o artilheiro da Seleção Brasileira, com 10 dos 23 gols marcados, em seis jogos. Cinco das seis partidas disputadas para a classificação para a Copa do Mundo de 1970 são mostradas na obra. Os jogos ocupam 38 minutos em uma obra de uma hora e dez; a equipe de filmagem produziu o material diretamente. O filme acrescenta que o jogador já iniciara seu futuro pós-futebol: detinha uma loja de artigos esportivos e um posto de gasolina.

Q) “Sonho de Bola” (2001, César Meneghetti/Elisabetta Paimdemiglio) acompanha vinte e três jovens jogadores sul-americanos de origem italiana em Fierenzuola, pequena cidade italiana. O projeto era fazer do Unione Sportiva da cidade um time inteiramente europeu, fazendo-o chegar à terceira divisão e subir à primeira. O time foi dirigido por Mário Kempes. A experiência fracassou, o time não foi adquirido como previsto e começaram a faltar recursos até para as refeições. A maioria voltou a seus países, outros ficaram na Itália, trabalhando em profissões humildes. Os cineastas ganharam a confiança do time e tiveram quarenta dias de filmagem. “BerlinBall” (2001, curta, Anna Azevedo) trata de Marcelinho Paraíba, que atuou no Hertha Berlim. São entrevistados garotos conterrâneos de Campina Grande (PB) que querem jogar futebol. A obra foi premiada no Festival de Cinema de Berlim.



RELICI

R) “Barbosa” (1988, curta, dir. Jorge Furtado) traz a final da Copa do Mundo de 1950, na qual a Seleção do Brasil perdeu para o Uruguai. O filme foi baseado no livro “Anatomia de uma derrota” de Paulo Perdigão. Em treze minutos, Antônio Fagundes interpreta Paulo, de 49 anos, que volta 38 anos no tempo e está no dia do jogo, simultaneamente com 11 e 49 anos, a fim de impedir o gol que derrotou o Brasil. Paulo usa uma máquina do tempo para ir ao passado e mudar a história. Mas, Paulo também falha, pois, ao ver em suas mãos a chance de mudar a história, se vê só e incapaz de mudar o passado: após entrar no estádio e ficar atrás do gol defendido por Barbosa, o rapaz o chama o arqueiro para avisar do que viria a acontecer, mas, quando Barbosa se vira para o atender, ocorre o gol. O filme usa imagens da Copa de 1950, imagens ficcionais do passado e do presente, depoimento do próprio Barbosa, recortes de jornais.

S) “Preto Contra Branco” (2004, Wagner Morales) foi feito para o programa DocTV do Ministério da Cultura. Retrata o tradicional jogo de futebol em Heliópolis, iniciado em 1972, cuja dificuldade é separar brancos de negros para formar os times. O jogo ocorre em dezembro, sendo assunto de todo o ano seguinte; tem valor ritual: feito para dirimir as diferenças, termina por aguçar-las, enquanto ajuda a comunidade a lidar com elas. Traz o futebol enquanto produto popular. Esse esporte surge de modo accidental em: a) “Bicho de Sete Cabeças” (2000, Laís Bodanzky), no qual o conflito entre pai e filho é mediado quando ambos assistem ao jogo do time deles; b) “Cartão vermelho” (1993, Laís Bodanski) traz um olhar feminino que não foca o futebol; c) “Cidade de Deus” (2002, Fernando Meirelles), cuja ação se inicia em um jogo de várzea, até um deles acertar a bola com um revólver, cena que ilustra a violência que virá; e d) “Carandiru” (2003; Hector Babenco) traz uma cena emocionante: os detentos cantam o Hino Nacional antes do jogo dos rivais, aproximando-se do brasileiro comum.



RELICI

Filmes internacionais sobre futebol

A conquista da Alemanha na Copa de 1954 mereceu o documentário, “O Milagre da copa do mundo em Berna 1954 – a história real” (dir. Oldenburg e Dehnhardt) e “O milagre de Berna” (dir. Sönke Wortman); ambos de 2005. Este último liga o triunfo alemão na Copa de 1954 – primeiro triunfo esportivo do país no pós-guerra – com a reconstrução do país e da sociedade, arrasados pela guerra. Em certa família, o pai retorna após onze anos, por ter ficado preso na União Soviética, e estava deslocado em casa. O futebol é o elemento que cria um diálogo pai-filho (Oricchio, 2006; Cornelsen, 2012).

“O Medo do Goleiro diante do Pênalti” (1971, dir. Win Wenders) traz Josef Bloch, goleiro de um time de segunda divisão, expulso de uma partida. À noite, mata uma atendente de cinema e foge à casa de uma amiga, de onde acompanha a perseguição da polícia, que o captura em um estádio de futebol. Não há muito do esporte na trama (Melo, 2006a).

“Meu Nome é Joe” (1999, Ken Loach) trata do alcoolismo e do desemprego, com uma história de amor e solidariedade. Para evitar ser vítima, o protagonista, desempregado, treina um time de futebol, com a camisa da Seleção Brasileira (Minadeo, 2025).

O argentino Juan José Campanella dirige duas obras: “O Segredo de Seus Olhos” (2009) e “Um time show de bola” (2013). O primeiro trata da busca de um funcionário público por um assassino foragido. Em certo momento, vai com um colega a um jogo de futebol encontrar o criminoso – sequência que mostra a partida. Há uma estética que se aproxima da usada pela TV nas transmissões de futebol, mas, ao mesmo tempo, uma afirmação da obra como cinema, por explorar ângulos e movimentos de câmera não usuais da TV. A cena é convincente devido aos atores-jogadores, e tem importância à trama, pois é quando se encontra o assassino (França, 2010). O segundo aborda a paixão argentina pelo futebol; retrata o machismo e o “pertencimento clubístico”; foi sucesso na Argentina, além de ter sido exibido em outros países. Com estética didática e personagens moralistas, mostra desconforto



RELICI

frente à “mercantilização do futebol”, feita de jogadores incultos, empresários gananciosos – acusados de corromper o “verdadeiro” futebol (Lage, 2016).

Há dois documentários portugueses, “Ronaldo” (2015) e “Eusébio, a Pantera Negra” (1973). As infâncias de ambos têm semelhanças: nasceram em bairros pobres, e a mãe assumiu as responsabilidades familiares. Eusébio e Cristiano Ronaldo encarnam o papel do “bom filho”: ao obterem o sucesso, cuidam da mãe e da família. Em ambos, o pai é quase ausente: o de Eusébio morreu quando ele tinha oito anos; e o de Ronaldo é retratado como alcoólico; assim, os dois projetam a figura paternal em terceiros: Eusébio, no treinador “Chico”, que o descobriu ao futebol e o seguiu na carreira; e Cristiano Ronaldo, na do agente de futebol Jorge Mendes, que o conheceu aos dezesseis anos e o acompanhou desde então. Nos dois há um momento comum: a vinda a Lisboa, as dificuldades devidas às saudades da família e à adaptação a uma nova realidade, com a percepção de que a fama depende de sacrifício. Cristiano Ronaldo vem da Madeira, com doze anos, ao Sporting, e Eusébio vem de Moçambique, aos dezessete anos, ao Benfica. São retratados como heróis que chegam à fama pelo esforço, trabalho e determinação (Pinheiro, 2016).

CONCLUSÕES

O cinema é um entretenimento de crescente importância na sociedade, tendo ganho maior destaque durante a pandemia. Foram encontrados diversos filmes cuja temática envolve o futebol.

Surpresas trazidas pela pesquisa: a) “Orfeu Negro”: Oscar a uma coprodução França-Brasil, feita aqui e que divulgou a Bossa Nova mundo afora; b) o curta-metragem “Uma História de Futebol” teve indicação para Oscar em 2001.

Dos filmes sobre Pelé, destacam-se: a) “Fuga para a vitória”, produção dos EUA, com atores conhecidos e a direção de John Huston, além da presença do próprio craque ao lado de outro jogador de futebol; b) “Os Trapalhões e o rei do futebol”, no qual Pelé vive um repórter; houve 3,65 milhões de assistentes; e c) “Pedro Mico” (1985), considerado a melhor performance de Pelé como ator.



RELICI

No tocante às obras sobre o craque das pernas tortas, o destaque é para “Garrincha, Alegria do Povo” (1962). Cabe apontar que sua carreira mais curta minou a possibilidade de que fosse alvo de filmes posteriores.

O futebol está em marcantes filmes nacionais: a) “Rio 40 Graus” traz o esporte como parte da cultura nacional; inspirou o Cinema Novo e ilustra as contradições nacionais, mesclando drama e comédia; b) ao início de “Cidade de Deus”; e c) em “Carandiru”, no qual os detentos cantam o Hino Nacional antes do jogo dos times rivais – com o que criam elos importantes.

Dentre os filmes estrangeiros, os documentários portugueses, “Ronaldo” (2015) e “Eusébio, a Pantera Negra” (1973) apresentam interessantes paralelismos nas vidas dos dois jogadores.

“O Segredo de Seus Olhos” (2009) possui cenas importantes de sua trama em torno a estádios de futebol. Do mesmo diretor, “Um time show de bola” (2013) é todo construído em torno à paixão argentina pelo futebol.

“O milagre de Berna” mostra o papel do futebol como elo de união de uma família da qual o pai ficara ausente por onze anos em função da Segunda Guerra.

Outros estudos podem focar temas específicos, tais como os documentários, as obras sobre os grandes craques ou o futebol feminino.

REFERÊNCIAS

Acker, A. M. A Representação do Jogador de Futebol no Filme Linha de Passe, de Walter Salles e Daniela Thomas. **Anagrama**: Rev. Científica Interdisciplinar da Graduação/USP. Ano 3, Ed. 4, Jun.-Ago./2010.

Acker, A. M.; Rossini, M. S. **O Futebol Brasileiro nos Filmes Boleiros 1 e 2, de Ugo Giorgetti**. Sessões do Imaginário, ano XVII, n. 27, 2012/1, p. 21-30.

Bellia, L. B. O consumo dos moradores da Barra da Tijuca: uma etnografia sobre novos ricos cariocas. Mestrado (Administração), UFRJ, 2000.

Cavalcanti, R.; Aquino, L. M. P.; Oliveira, H. **What is entertainment?** Propositions of definitions based on product, experience, culture and communication perspectives. *Desenvolve*, Revista de Gestão do Unilasalle. Canoas, v. 11, n. 1, 2021; p. 1-18. ISSN:



RELICI

2316-5537. DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/desenv.v11i1.9465>; acesso em 07 nov. 2025.

Cornelsen, E. L. **Imagem e Memória em torno de Futebol e Política no Cinema**. In: A Imagem e Memória (orgs. Vieira, E. M., Seligmann-Silva, M.; Cornelsen, E. L. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2012, p. 429-442).

Delgado, L. A. N. **Tempo Presente** – Fios da História. Brasília: Outubro Edições, 2024.

Fléchet, A. **Um mito exótico?** A recepção crítica de Orfeu Negro de Marcel Camus (1959-2008). Significação: revista de cultura audiovisual, vol. 36, núm. 32, julho-diciembre, 2009, pp. 43-62.

França, J. D. **Por que a bola não rola:** uma breve análise do futebol no cinema brasileiro. TCC (Comunicação Social). UFRJ, 2010.

Haurelhuk, F. S. **E o Oscar Foi Para...** - Entendendo o Maior Prêmio Cinematográfico Mundial e Sua Relação com a Cinematografia Brasileira. TCC (Comunicação Social). Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Cinema. Niterói: UFF, 2008.

Lage, M. V. C. **Um time show de bola** (2013), de Juan José Campanella: uma animação como crítica à mercantilização do futebol. FuLiA / UFMG, v. 1, n. 1, set.-dez., 2016 – RESENHA eISSN: 2526-4494. p. 80-89.

Lima, B. D. O.; Almeida, J. E. G. **O Serviço de Streaming Durante o Período Pandêmico em Maceió:** a percepção dos estudantes de Relações Públicas da Ufal nos anos de 2020 a 2022. TCC (Rel. Públicas), UFAL, 2023.

Machado, D.; Oliveira, L. G. F.; Piccinin, F. Q. **Cinema e Futebol:** dos Gramados para as Telas. Revista Jovens Pesquisadores, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 2, p. 92-106, 2014.

Makalesi, A. **Our Digital Watching** (Streaming) Case In The Pandemic: The Experience Of Staying At Home At Lockdown And Being Digital Audiences. Erciyes İletişim Dergisi / Journal of Erciyes Communication; e-ISSN: 2667-5811; July/2022; Vol. 9, Issue 2, p. 627-644.

Marin, E. C. **Entretenimento:** uma mercadoria com valor em alta. Movimento, vol. 15, núm. 2, abril-junio, 2009, p. 211-231. Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil. ISSN: 0104-754X.

Melo, V. A. **Futebol e cinema:** relações. Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto. Universidade do Porto, V. 6, Nº 3, Set.-Dez./2006a. ISSN 1645-0523, p. 362-372.



RELICI

Melo, V. A. **Garrincha x Pelé**: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.20, n.4, p.281-95, out./dez. 2006b, p. 281-295.

Messias, A. **Cinema e futebol**: uma parceria, duas paixões. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 4, n. 9, p. 72-78, 2010. DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v4i9.208>. Acesso em: 07 nov. 2025.

Micheletti, J. P. **O Cinema Novo se volta ao futebol**: Garrincha, alegria do povo. Revista LAICA-USP – V. 1, N. 1, Jun./2012, p. 95-102.

Minadeo, R. **Contribuições do Cinema Europeu**: Enfrentando o Desconhecimento. Revista de Empreendedorismo, Gestão e Negócios. Pirassununga: FATECE. Mar./2025. ISSN 2238-0515, p. 334-360.

Murad, M. **Futebol e cinema no Brasil**: um enredo. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 191-206, jul./dez. 2010.

Oliveira, A. **A classe invisível**: futebol e drama social em *Boleiros – era uma vez o futebol...*, de Ugo Giorgetti, e *Linha de passe*, de Walter Salles. In: Futebol, linguagem e artes; CORNELSEN, E.; COSTA, T. C. (orgs.). UFMG, 2015. ISBN 978-85-7758-253-2, p. 26-30.

Oricchio, L. Z. **Fome de Bola** – Cinema e Futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, 488p.

Pessoa, V. L. F. **Lazer e Consumo**: uma análise a partir da indústria cultural. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 18-30, jan./abr. 2019. ISSN (eletrônico): 2358-1239.

Pinheiro, F. **Cristiano Ronaldo e Eusébio** – Dois olhares contemporâneos. Aletria, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 319-324, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.26.3.319-324>. Acesso em 07 nov. 2025.

Prevedello, T. **Literatura e cultura do entretenimento**: padrões de consumo entre jovens. Cadernos do Aplicação. ISSN 2595-4377 (online); Porto Alegre; jan.-jun. 2021; v. 34; n. 1; DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.109611>. Acesso em 07 nov. 2025.

Rigo, L. C.; Guidotti, F. G. **Barbosa**: notas sobre cinema, memória e futebol. In: Deporte y sociedade – Encontrando el futuro de los estudios sociales y culturales sobre Deporte, Pereyra, B. M. (coord.). Uruguay, 2019, ISBN 978-9974-91-765-1, p. 163-171.



RELICI

Sant'Ana, L. C. R. **O futebol filmado: Tostão, a Fera de Ouro** (1970). FuLiA / UFMG, v. 2, n. 1, jan.-abr., 2017. eISSN: 2526-4494 DOI: 10.17851/2526-4494.2.1.127-140.

Santos, D. R. **Aproximações entre cinema e futebol no filme “Heleno”**, de José Henrique Fonseca. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 28-30 jun./2012.